



issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



PROJETO BRASIL / ÁFRICA

Entrevista com o professor Inácio Valentim¹

07 de Junho de 2021

Prometheus: *Professor, logo de início gostaríamos de saber um pouco sobre sua trajetória acadêmica dentro da filosofia. Como se deu o despertar pelo interesse filosófico e como foi o percurso trilhado pelo senhor dentro da academia.*

Professor Inácio Valentim: *Meu primeiro contato com a Filosofia foi através da família, através do meu irmão mais velho. Eu era seminarista franciscano. Em uma das oportunidades que tive ao ir para casa, conheci um colega do meu irmão, Dr. Kumba Yala². Ele fez filosofia na Universidade de Braga e era colega do meu irmão que fez Direito na Universidade de Lisboa. Quando estávamos juntos, meu irmão sempre brincava comigo, pois sabia que eu tinha aulas de Filosofia no Seminário. Ele virava para mim dizendo: “Se quiser passar fome no futuro, eis aqui um protótipo das pessoas que passam fome”. Em seguida, o Dr. Kumba Yala virava para ele e dizia: “Se alguém quiser ser um analfabeto programado, pode estudar Direito”. Depois estudei Filosofia com os padres salesianos. Fiz o curso de Ciências Políticas em Lisboa no Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Na Espanha tive contato com uma gama maior de pensadores, e isso me colocou no caminho da Filosofia.*

Prometheus: *Fale-nos um pouco sobre sua pesquisa e trabalho atualmente.*

¹ Natural de Guiné Bissau e residente há dez anos em Angola. O professor é Doutor em filosofia pela Universidade Carlos III de Madrid. Membro doutorado integrado do centro de filosofia das ciências da Universidade de Lisboa, autor de várias obras e possui estâncias de investigações pós-doutorais. Atualmente é Director geral do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente (ISPSN), uma das instituições educacionais mais importantes de Angola, Situada na província do Huambo no sul do país.

² Kumba Yalá Embaló ou Ialá (Bula, 15 de março de 1953 — 4 de abril de 2014) foi um político da Guiné-Bissau, presidente de seus país de 2000 a 2003. Tomou posse a 17 de fevereiro de 2000 e foi deposto por um golpe militar em 14 de setembro de 2003. Antes de se converter ao Islamismo, diferentemente da maioria dos católicos guineenses, nunca adotou um nome português. Pertencia ao grupo étnico balanta. (Wikipédia).

Professor Inácio Valentim: *Tanto no Mestrado como no Doutorado trabalhei o último Foucault como leitor de Platão. No mestrado a leitura foi mais próxima de Sócrates, enquanto no Doutorado mais próxima de Platão. Hoje estou trabalhando o ideal da criação do Hospital em Foucault. Trabalhei também em um projeto que lidava com os acompanhantes dos pacientes nos Hospitais. Por falta de estrutura, muitos desses pacientes não tinham onde ficar e acabavam por ficar ao relento nos hospitais.*

Prometheus: *Ainda hoje se pergunta se existe filosofia no Brasil, se existe um filosofar brasileiro, neste sentido, há esse mesmo questionamento em relação à filosofia Africana?*

Professor Inácio Valentim: *Tem se debatido há muito tempo na África a questão da afirmação e da autoafirmação. E a Filosofia faz parte disso. Naturalmente existe Filosofia Africana. Se essa pergunta fosse feita a mim há dez anos, eu teria respondido que não, mas isso seria fruto da minha ignorância. Temos muitos intelectuais africanos que fazem Filosofia. Temos um autor, Achille Mbembe³, que retomou o termo da necropolítica. O grande problema tem a ver com a crença na filosofia que podemos dizer que é africana, pois sempre há preconceito. Há muito tempo acreditou-se que tanto a Teologia quanto a Filosofia não podiam vir com profundidade para os africanos porque são muito teóricas, com alto grau de reflexão. É um preconceito que existe antes mesmo da escravatura. Era como se pensar a filosofia a partir da África fosse uma aberração, pois o continente não pode pensar a Filosofia. O que tenho tentado demonstrar é que de fato houve um tempo em que a verdadeira Filosofia era construída a partir da África. Entre os séculos III e V da nossa era, os grandes pensadores, porque naquela altura quem detinha o poder era o cristianismo, construíam suas filosofias a partir da África, a exemplo das cidades de Cartago e Alexandria. Quando penso em Santo Agostinho, Tertuliano, Clemente de Alexandria, eles estavam a falar para o mundo a partir da África. O pilar da teologia cristã tem sua base no*

³ Joseph-Achille Mbembe, conhecido como Achille Mbembe (1957), é um filósofo, teórico político, historiador, intelectual e professor universitário camaronês. Seus principais temas de investigação são história da África, pós-colonialismo, ciências sociais e política. Embora seja chamado de teórico pós-colonial, em boa parte devido ao nome em inglês do seu primeiro livro, ele recentemente rejeitou o termo [6] porque vê seu projeto como um trabalho tanto de aceitação quanto de transcendência da diferença, em vez de um retorno para uma terra natal original, marginal e não-metropolitana. Suas principais obras são: *Les jeunes et l'ordre politique en Afrique noire* (1985); *La naissance du maquis dans le Sud-Cameroun (1920–1960)*; *Histoire des usages de la raison en colonie* (1996); *De la postcolonie. Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine* (2000); *Sortir de la grande nuit: Essai sur l'Afrique décolonisée* (2003); e *Critique de la raison nègre* (2013). Wikipedia.

pensamento africano. Assim também como os egípcios são devedores dos gregos, os gregos são devedores dos egípcios.

Prometheus: *O senhor acredita que houve um apagamento da origem dos filósofos africanos?*

Professor Inácio Valentim: *Quando Santo Agostinho falava, ele falava a partir de um Império Romano. O mesmo aconteceu com pensadores africanos quando ligados às suas colônias. Esse apagamento tem a ver com a transferência ou integração às colônias.*

Prometheus: *Essa postura de afirmação e autoafirmação é recente no pensamento africano?*

Professor Inácio Valentim: *Não é recente, pois a África sempre esteve nesse ínterim. Ao sair de sua dependência, ela teve de se auto afirmar, o que continua constantemente. Todavia, a África sem sair perdendo porque não temos dinheiro para fazer pesquisas. Por conta da falta de recursos financeiros, não temos uma educação de alto nível. Quem não produz ciência não está no centro do poder. Nesse sentido, a África fica deslocada, precisando sempre renovar os ideais de sua independência.*

Prometheus: *Como se dá a relação entre ENSINO, PESQUISA e EXTENSÃO, e os financiamentos para a realização desses três eixos educacionais na realidade do professor/pesquisador africano?*

Professor Inácio Valentim: *Aqui no Instituto nunca nos beneficiamos com nenhum financiamento. Nem de governo nem de ninguém. Os critérios para concorrer não são muito claros. Mas mesmo não tendo esse tipo de financiamento, sempre fizemos atividades de extensão. Buscamos ser rigorosos com aquilo que nos dispomos a fazer, a exemplo do projeto que visa ver a taxa de natalidade e mortalidade nos hospitais e o programa na Rádio Nacional chamado 'Ciência na Rua', onde o apresentador chama uma individualidade importante da cidade para falar de um assunto de interesse daquela região. Conseguimos fazer esses projetos porque procuramos a fortaleza a partir de dentro. Eu dou a cara publicamente, pois eu não tenho que me envergonhar com aquilo que eu faço.*

Prometheus: *Existe atualmente algum projeto de intercâmbio entre estudantes/professores com outras instituições estrangeiras, se sim, quais seriam elas e como é a receptividade e o desenvolvimento desses trabalhos? (observar em relação ao Brasil e estudantes que vão para África para realizar pesquisas).*

Professor Inácio Valentim: *Tivemos um intercâmbio com a Escola de Saúde da Cruz Vermelha de Portugal. Nosso bibliotecário foi fazer sua formação também em Portugal. Mas nossa grande referência de aproximação é com a PUC do Rio Grande do Sul.*

Prometheus: *Em Angola, especificamente na instituição em que o senhor trabalha, quais os principais desafios enfrentados atualmente para realizar e manter as pesquisas na área de filosofia?*

Professor Inácio Valentim: *A Filosofia sempre é um desafio constante e creio que em qualquer parte. Em nosso contexto, a África se alinhou durante muito tempo, por questão de conveniência, ao bloco comunista. Então já sabemos que o pensar diferente é sempre muito complicado para estes tipos de regime. Aqui no Instituto não temos propriamente o curso de Filosofia, embora nós tenhamos várias cadeiras filosóficas em diferentes cursos.*

Em um primeiro momento, há sempre uma tentativa de descredibilizar, porque parece que os que trabalham na Filosofia são protótipos da herança colonial. Por eu ser um estudioso da Grécia antiga, acham que é uma desvalorização da cultura africana, dando protagonismo àquilo que é de fora, que é europeu. Isso é um erro, pois a Filosofia é transversal. Se estamos a estudar Filosofia, seja qual for a época, não tem como não voltar às suas origens gregas. Quando nos perguntam por que estudamos isso e não aquilo, é uma pergunta que deve ser feita também para todas as áreas do saber, porque, por exemplo, não existe propriamente um Direito africano. De fato, a Filosofia não incentiva muito, por que o que é que um filósofo vai fazer? Há uma espécie de preconceito o qual afirma que o filósofo é aquele que só fala, fala, fala. Só pensa, pensa, pensa. Mas o médico também pensa. Há também uma coisa que tem a ver com a credibilidade da Filosofia. As pessoas gostam de fazer Filosofia ou de sentirem-se filósofos porque há esse preconceito de pensar que os filósofos são sábios. Fica chique, fica bonito dizer eu sou filósofo, mas tirando isso, ninguém quer fazer verdadeiramente Filosofia, porque ela nunca serve pra nada. Provavelmente em um espaço mais desenvolvido, vamos ver nas grandes empresas recrutamento da Filosofia para assessorar o corpo diretivo. Em nosso contexto, o filósofo é visto ainda como aquele que vai criar problemas. Acontece que temos de ser coerente com aquilo que ensinamos. Se eu procuro justiça, não posso fazer isso praticando injustiça, como, por exemplo, passar aquele que não sabe, porque é filho de A, de B, de C... O filósofo não pode apoiar isso nem qualquer pessoa de bem. Temos também dificuldade na motivação para a inserção da Filosofia.

Geralmente vamos para a Universidade para garantir uma estabilidade social. Isso não funciona com a Filosofia.

Prometheus: *Existe algum país hoje que exerce mais influencia a nível cultural e filosófico na Angola, se existe qual seria?*

Professor Inácio Valentim: *Influência cultural e filosófica eu não diria tanto, mas, me atrevo a dizer Portugal, por causa naturalmente da história e da língua e por tudo que Portugal nos deixou. No entanto, não posso dizer que exerça muita influência filosófica.*

Prometheus: *Como é o interesse da população pelos estudos de filosofia?*

Professor Inácio Valentim: *Não parece que haja propriamente um interesse. Quando olhamos de imediato, como já tinha dito, a Filosofia não traz nada. Ela não traz recompensa. Ainda mais, em nosso contexto, estudar Filosofia nos dá medo, pois o filósofo é um destruidor nato. Não é um destruidor violento, com armas, mas um destruidor porque ele tem que analisar as ideias, as coisas que as pessoas dizem que está certa. E tudo isso é chato. Aquele que já possui estabilidade ou já está acomodado, não quer se envolver nisso. Além do mais, as pessoas, em geral, entram nas Universidades pensando em ter no futuro um bom emprego, coisa que a Filosofia não pode garantir. Elas não pensam se serão felizes ou como vão tratar as pessoas.*

Prometheus: *Como está Angola em relação à pandemia e às questões políticas que envolvem o país de um modo geral?*

Professor Inácio Valentim: *Em relação à pandemia, estamos um pouco melhor que o Brasil. No entanto, temos de ver a questão da dimensão territorial e populacional. Apesar das dificuldades em infraestrutura e recursos humanos, a resposta está sendo boa. Em respeito à questão política, Angola teve a partir de 2017 uma transição. Tínhamos um presidente que ficou perto de 40 anos no poder, então há muitas tensões e apoios. É esse tipo de situação que estamos vivendo. Como ano que vem teremos eleição, todo tipo de jogo político já está acontecendo, como a construção e a destruição das verdades. Tem havido também uma série de manifestações de jovens que querem mais empregos; outros, estabilidades. Realmente está ocorrendo uma quantidade de manifestações como nunca tinha havido.*